

OS SERVIÇOS TANÁTICOS E OS ATOS FUNERÁRIOS EM LIMOEIRO DO NORTE – CE, PÓS 1989

RAFAELA MOREIRA DE LIMA*

O referido trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar qual a relação existente entre as mudanças nos rituais fúnebres em Limoeiro do Norte – CE e o comércio funerário. Almejamos analisar como a morte se torna um negócio rentável e lucrativo para empresas funerárias particulares, que passam a cuidar de todo o processo que a envolve. O recorte temporal desta pesquisa compreende o pós-1989, ano em que a Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda se instalou na cidade de Russas – CE, ampliando sua área de atuação para as cidades da Região Jaguaribana. É nesse ano que a prestação dos serviços funerários ganhou grande impulso, possibilitando um variado comércio em torno da morte.

Palavras Chaves: Morte, Rituais fúnebres, Comércio.

Comprendemos que ter a consciência da finitude humana gera ao homem o sentimento de angústia e de inquietação. Temos conhecimento que a relação que o homem estabelece com a morte sofre mudanças acerca daquilo que ela representa. Pensar no fim é pensar que o nosso destino é inevitável e incontrolável, que este faz parte da natureza humana e que por isso temos que ver esse fato como algo que segue seu curso natural.

Antes, porém, de vermos a morte como *o fim*, temos que perceber que ela faz parte da construção social humana e que os indivíduos atribuem significados e práticas que mudam de acordo com o tempo e com o espaço. Dessa forma, devemos compreender a morte, as práticas mortuárias, enfim, toda ação humana que a envolve, numa perspectiva do processo histórico.

O que nos apresenta como inquietação no presente são as transformações ocorridas nas práticas fúnebres que parecem acontecer em um ritmo mais acelerado,

* Mestranda em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará, integrando a linha de pesquisa, Memória, Oralidade e Cultura Escrita. Bolsista CAPES.

uma vez que as empresas funerárias passam a cuidar de todo o processo que envolve o morrer.¹

O que nos coloca como desafio em analisar todas essas transformações ocorridas no cenário fúnebre, é o fato de tais mudanças ainda estarem em processo de concretização. Estamos falando em um tipo de comércio que a cada ano precisa estar inovando seus serviços com o objetivo de conquistar clientes. Isso permite que sua forma de atuação contribua para algumas transformações no que diz respeito às práticas funerárias.

Portanto, estamos diante de um fenômeno que se apresenta em pleno acontecimento, estamos vivenciando um fato que segue um curso ainda incerto. Mesmo que para muitos a morte seja um tema nada agradável ela se faz presente no cotidiano das pessoas, uma vez que, elas passam a pagar a mensalidade de um plano funerário. Essa relação existente entre clientes e empresas funerárias deixa em evidência como o tema da morte está inserido no cotidiano das pessoas, uma vez que, o pagamento mensal por um consórcio funerário torna-se prioridade no orçamento de uma família.

Mas é com o auxílio da historiografia que podemos fazer um percurso pelas permanências e rupturas ocorridas em relação aos rituais fúnebres, e ao próprio ato de morrer, podendo compreender como os indivíduos criam uma aceção em torno da morte.

Em seu livro *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, João José Reis ressalta que no Brasil dos oitocentos, especificamente na Bahia, a morte não poderia acontecer de forma solitária e privada, era indispensável a participação dos familiares, amigos, vizinhos, padre e até desconhecidos. Quando o moribundo era avisado da sua morte, através dos signos naturais, dava-se início aos preparativos para o velório garantindo ao morto uma boa passagem para o outro mundo. “Depois de detectada a morte de um indivíduo, tinham início as cerimônias fúnebres, que compreendiam sequências formais no sentido de marcar, simbolizar ou dramatizar separações, margens ou agregações”. (MORAIS, 2009: 46).

Os ritos de *post mortem* eram exclusivamente domésticos e de manifestação religiosa, eles iniciavam com a preparação do corpo; cortar o cabelo, lavar o corpo com

¹ Conforme Isabela Andrade o serviço funerário agrega todo o processo do morrer: o antes (com o serviço de prevenção do funeral), o durante (com serviço funeral), e o depois (com os serviços de assistência ao luto). (MORAIS, 2009: 96).

um banho de água misturada à cachaça e álcool para depois vestir o cadáver. Segundo Reis (REIS, 1991: 114 - 115):

O cuidado com o cadáver era da maior importância, uma das garantias de que alma não ficaria por aqui penando. Cortavam-se cabelo, barba, unhas. O banho não podia tardar, sob pena de o cadáver enrijecer, dificultando a tarefa. Os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tornando-o um espírito errante, um *isekú*. Tal como os iorubas, o defunto baiano devia estar limpo, bonito, cheiroso para o velório, esse último encontro com parentes e amigos vivos.

Em seguida, a vela acesa era posta na mão do defunto como uma forma de guiar o espírito do morto aos céus. Os olhos do morto eram fechados com o objetivo de fazer com que o espírito do indivíduo os fechasse para o mundo dos vivos, e os abrisse quando chegasse ao mundo espiritual.

Para as pessoas desse período a morte acidental era vista como grande desventura, pois era muito importante para o morto que seu corpo fosse preparado para o momento final da vida, eram indispensáveis os rituais que lhes garantissem uma boa morte. Temia-se que a morte viesse sem aviso, sem preparação, repentina, trágica e, sobretudo, sem um funeral adequado. Em caso de agonias, os moribundos² recebiam assistência das pessoas e do padre que oravam ao seu redor pedindo pela salvação da sua alma. Para as pessoas daquele período, uma boa morte era sempre acompanhada por solidários espectadores que acompanhavam o moribundo até à hora da sua morte, para eles ela não poderia ser vivida na solidão. De acordo com Reis (REIS, 1991: 101), “em meio à fumaça de incenso, os homens se reuniam na sala a conversar sobre doença e morte. Havia doente “sem forças para morrer”, que necessitavam de um empurrão dos vivos, como a queima de velas, reza, certas beberagens”.

Percebemos que o moribundo, na Bahia, no século XIX, tinha a convicção de sua morte e que, por isso, fazia todos os preparativos para garantir um bom lugar no outro mundo, onde ele mantinha a esperança de que viveria eternamente. Ainda nesse período, a morte representava uma manifestação social, sendo uma desventura ter uma

² São designados moribundos os pacientes terminais, que na evolução de uma doença são considerados incuráveis ou sem condições de prolongamento da vida. Na atualidade esses indivíduos são retirados dos espaços familiares preservando sua individualidade culminando com a solidão dos moribundos (ELIAS, 2001). Ocorre que as pessoas evitam aproximação com os moribundos pelo fato de esses indivíduos carregarem consigo os signos da morte que estão expressos em seu corpo que está na iminência de falecer. Nesse contexto, o moribundo se tornou um problema social, que, para Elias (2001), só pode ser contornado com o processo de “desmitologização da morte”.

morte solitária, sem a assistência de pessoas que por ele e por sua alma oravam, a fim de lhes preparar uma boa viagem para a vida eterna.

No entanto, as pessoas sempre abominaram a morte, ela sempre foi considerada um acontecimento pavoroso. O que percebemos que mudou foi, contudo, o modo de conviver e lidar com a mesma, com o morrer e com os moribundos. “O isolamento, o evitamento e a dessocialização dos moribundos faz com que atitudes como acompanhar o agonizante, banhá-lo e higienizá-lo passem a ser cada vez mais repugnadas e esse fato contribuiu para a profissionalização da morte” (MORAIS, 2009: 53).

Para Isabela Andrade (MORAIS, 2009: 48) “se as cerimônias fúnebres eram públicas e familiares, na segunda metade do século XIX elas se tornam uma cerimônia privada”. Para uma sociedade contemporânea como a nossa, morrer se tornou um ato solitário e impessoal, o corpo do moribundo não está mais presente entre seus entes queridos que o acompanhava até o momento da sua morte, para não deixá-lo na solidão. No tempo presente, o corpo do moribundo é levado para o hospital, que passa a ser o lugar privilegiado da morte. Porém, mesmo que nesses lugares morrer seja algo recorrente, ela passa a ser negada e silenciada pelos médicos e profissionais da saúde, que criam mecanismos de negação, a fim de afastar a dor trazida pelo falecimento do ente querido.

Aprendemos que o agonizante já não morre cercado pelos parentes e amigos, o ideal é que ele morra sem se dar conta que o seu fim se aproxima. Nos hospitais o moribundo é doravante um paciente entre inúmeros outros, estes são destituídos de sua capacidade funcional conforme a lógica do sistema mercantil, capitalista. Conforme José Luiz de Souza (MARANHÃO, 1987: 14 - 15):

A intencionalidade mercantil que habita em todos os setores da sociedade industrial capitalista se revela com vigor na instituição hospitalar, em relação ao moribundo. O doente terminal é marginalizado socialmente, porque deixou de ser funcional. É destituído do seu antigo *status* e, conseqüentemente, de sua dignidade. Só tem o *status* que lhe é atribuído pelo o universo hospitalar, ou seja, um *status* negativo, o de um homem que, por não poder retornar à normalidade funcional, encontra-se literalmente depositado. Na sociedade industrial não há lugar para os agonizantes: são indivíduos que não produzem, não consomem, não acumulam, não respondem aos seus apelos, não competem, não se incomodam com o progresso, com o tempo e nem com o dinheiro.

No texto de Isabela Andrade Moraes (MORAIS, 2009: 56) encontramos questões pertinentes no que diz respeito à utilização de jargões que atuam na finalidade de negar a morte:

Entre os médicos e as enfermeiras o paciente não morre, mas a morte é trazida através de eufemismo: “vai a óbito” ou teve uma “parada cardíaca”; se estiver para morrer: é “paciente fora das possibilidades terapêutica”; preparar o morto é “fazer o pacote”. (SANTOS, 1983. In: MARTINS, 1983). Essas condutas de evitação indicam o temor da morte e a preocupação em se proteger dela. (THOMAS, 1991: 117).

As mudanças nos jargões que se referem à morte, também fazem parte de estratégias comerciais utilizadas pelas funerárias. A Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda, por exemplo, tem como estratégia de obter novos adeptos aos planos, a mudança em algumas designações. Compreendemos isso com base no depoimento do funcionário da empresa o senhor Ricardo Alves:

A gente foi mudando termos para tornar a coisa mais natural pras pessoas, a gente não trata mais como caixão a gente fala urna, a gente não trata mortalha, a gente fala vestimenta, a gente não chama câmara ardente a gente diz... Agora me fugiu o nome na mente. Existe todo o nome... Os conceitos que eram dados que a gente mudou, por exemplo, a gente não chama mais o morto, o defunto, a gente fala o ente querido que faleceu. O tratamento personalizado fez com que a família visse que esse preconceito era fruto de uma mentalidade fechada e foi acabando³.

Percebemos como o léxico funerário está associado às estratégias da empresa em ampliar os seus negócios. Ela só viria a ter aceitação se o tema da morte fosse incorporado pelas pessoas como algo natural, e não revestido de preconceito. A morte passa a ser camuflada nas atitudes e nos discursos sociais quando novas terminologias vão surgindo no vocabulário fúnebre, a fim de ocultar e banir o sentimento de horror e medo causado pela morte e pelos corpos mortos e decompostos. De acordo com Isabela Andrade (MORAIS, 2009: 56):

Evita-se dizer que alguém morreu, preferindo dizer que “descansou”; evita-se falar em “morto” ou “cadáver”, referindo-se a eles (os mortos) como um “corpo” ou um “óbito”; não se fala mais de “centros funerários” ou “pompas fúnebres”, mas de “serviços tanatológicos”; os cemitérios se toraram “campos verdes” ou “campos-santos”.

Com isso, apreendemos que as pessoas mudam seu comportamento diante da morte no que diz respeito ao conjunto de rituais e providências materiais que cercam

³ Ricardo Alves, funcionário da agência funerária de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 15 de julho de 2010.

o evento. Dessa maneira, percebemos que, de certa forma, os indivíduos, ainda em vida, se preocupam e se planejam para o momento final da vida. A apreensão em pagar um plano funerário, para que no momento da morte as pessoas não tenham preocupações com relação à organização do velório fica evidente no depoimento da Dona Maria José quando lhe pergunto o motivo que a levou a pagar um plano:

É porque é muito bom né, acho que todo mundo deveria ter um plano desse, aliás, eu acho que todo mundo tá fazendo, é pra fazer porque é um momento muito difícil e numa hora como essa ninguém sabe nem resolver as coisas, aí já chega já tudo pronto né, é só ir lá, liga ou vai alguém lá e quando der fé ele já chega prepara tudo é muito bom.⁴

Compreendemos que na contemporaneidade “morrer em paz” está associado em não deixar para os familiares os cuidados referentes ao velório e a todos os rituais que cercam a morte. Com isso podemos observar que o “bem morrer” associa-se ao consumo de um plano funerário que se propõe a facilitar a vida dos vivos com relação ao momento final de sua existência.

De acordo com a historiografia percebemos que muitas práticas deixaram de existir ou passaram por um processo longo de transformação. Mesmo que lentas essas mudanças no que diz respeito à morte e às práticas fúnebres, nos instigam e nos fazem pensar de que maneira isso acontece e o que contribuiu para todas essas transformações. Compreendemos que a humanidade sempre se mostrou preocupada em seguir os rituais funerários, entre o velar e o sepultar existem uma série de elementos que evidenciam como os indivíduos se relacionam com a morte.

Analisar o consumo mortuário em uma cidade localizada no interior do Ceará significa também perceber que a mesma encontra-se inserida, em certa medida, em um contexto mais geral. Apreender o processo histórico das práticas mortuárias nos permite compreender as permanências e rupturas ocorridas ao longo da história, dando-nos a perceber como os indivíduos atribuem sentido a vida e a morte.

A partir da pesquisa realizada encontramos dados que revelam como algumas pessoas associavam o velório à “festa”, principalmente as moças e rapazes que moravam no interior do município de Limoeiro do Norte entre as décadas de 1970 e

⁴ Maria José Rodrigues Pinto Almeida, 52 anos. Aposentada. Natural da cidade de Potiretama – CE. Atualmente residente na cidade de Limoeiro do Norte – CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

1980. Nestes espaços, o velório era, muitas vezes, lugar e momento propícios para dar início ou prosseguimento a uma paquera.

Observamos, a partir do depoimento de alguns entrevistados, que na zona rural do município de Limoeiro do Norte em fins da década de 70, raros eram os momentos festivos que pudessem alegrar os moradores das comunidades rurais. Normalmente, as festas religiosas organizadas pela Igreja Católica, eram, por excelência, os momentos de maior efervescência, que mais mobilizavam a população local. No entanto, os mesmos aconteciam em um intervalo de tempo relativamente espaçado. Sobre a falta de lazer, uma das depoentes da pesquisa, a senhora Maria de Lourdes Maia Pitombeira, lamentou a vida pouco movimentada que levava, afirmando, ao mesmo tempo, que um dos seus divertimentos era ir aos velórios e passar as noites na vigília:

Eu me lembro que eu morando no Sapé, quando alguém morria eu gostava muito de ir pro velório só pra paquerar com os rapazes. Nem que fosse muito longe da minha casa, mas eu ia a pé só porque eu via aquilo como um divertimento. E tinha mais, quando minha mãe não deixava eu ir, eu chorava.⁵

Assim como espaço de paqueras e novas amizades, o velório também se caracterizava como o espaço do bêbado, pois cachaças eram amplamente consumidas, fazendo-se da sentinela ao defunto um ambiente festivo. O senhor José Lopes⁶ em seu depoimento relatou que, muitas vezes, as pessoas que levavam o caixão até o cemitério já se encontravam tão alcoolizados que, ao retornar do sepultamento, vinham cambaleando pelas estradas.

Dona Maria Augusta, por sua vez, ao lembrar-se dos muitos velórios que participara destacou, sobremaneira, a animação do ambiente, não obstante tratar-se de um velório.

Era bem animado! Ali, o pessoal fazia café, fazia um chá, não tinha bolacha e inventava o cuscuz. Às vezes tinha feijão cozinhado que ficava da tarde, aí nois jogava o arroz dentro e fazia aquele bocado de baião de dois praquele pessoal que passava a noite. Tinha deles que bebia, não era todos não.⁷

⁵Maria de Lourdes Maia Pitombeira, 66 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 15 de maio de 2012.

⁶José Lopes Lima, 60 anos. Aposentado. Natural do município de Russas - CE, residente atualmente na cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

⁷Maria Augusta da Silva, 72 anos. Aposentada. Natural da cidade de Limoeiro do Norte - CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte - CE, no dia 17 de julho de 2010.

Porém, o que percebemos é que associar a morte à festa é algo que vem desde os séculos passados, o qual João José Reis (1991) discute muito bem em seu livro intitulado: *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. Segundo Reis, Thomas Lindley confirma o interesse baiano pela morte quando ele escreve o seguinte: “entre os principais divertimentos dos cidadãos se contavam os “suntuosos funerais” e as festas de semana santa, celebrados com grandes cerimônias, concerto completo e frequentes procissões, para os baianos morte e festa não se excluía” (LINDLEY *apud* REIS, 1991: 137).

Ainda no que se refere às décadas de 1970 e 1980, outro hábito comum em Limoeiro do Norte e, de maneira geral, nas demais regiões interioranas, era o uso de mortalhas.⁸ Assim, especialmente entre os cristãos católicos, era comum vestir o morto de acordo com o santo de sua devoção em vida, pois, desse modo, buscava-se uma garantia de proteção e de boa morte. No imaginário católico, as mortalhas dos santos ajudariam o morto no dia da sua passagem para o mundo celestial e, conseqüentemente, no dia do julgamento, o juízo final.

Preocupar-se com a vestimenta do morto fazia parte, por sua vez, das tarefas atribuídas às famílias e aos parentes mais próximos. Logo depois da confirmação da morte do ente querido encomendava-se a mortalha, normalmente confeccionada por um parente do falecido ou alguém da comunidade que já tinha o hábito dessa prática. Em Limoeiro do Norte, os trajes que mais vestiam os mortos eram as vestes de São Francisco, para os homens, e, de Nossa Senhora da Conceição, para as mulheres. Segundo João José Reis (REIS, 1991: 2):

Os trajes de santos sugerem um apelo à proteção dos mesmos, e sublinha a importância do cuidado com o cadáver na passagem para o além. Vestir-se de santo representava desejo de graça, imaginar-se perto de Deus, a roupa mortuária protegia os mortos e promovia uma integração bem aventurada.

As pessoas eram vestidas com mortalhas de santo porque possuíam uma grande devoção por ícones católicos, e acreditavam que desta forma estariam protegidas contra os maus espíritos, assim, fariam uma boa passagem para a outra vida.

Tendo em vista que o acesso aos hospitais era difícil, fosse público ou particular, normalmente os moribundos morriam na própria residência. Depois da confirmação da morte, a família logo providenciava a aquisição de um caixão

⁸ No presente, as mortalhas não deixaram de existir. Apenas seguem uma padronização de acordo com tamanhos sugeridos pelas funerárias.

confeccionado, geralmente, de maneira artesanal. Enquanto aguardava-se o caixão, o corpo ficava em uma esteira no chão ou sobre uma cama.

De acordo com as pessoas entrevistadas, os caixões eram feitos de madeira com formato de grades, cobertos por um pano preto. Devido a pouca resistência do material as pessoas colocavam uma escada de madeira ou uma esteira debaixo do caixão para carregá-lo até o cemitério.

Durante o processo de desenvolvimento da pesquisa empírica, ouvimos relatos de pessoas que vivenciaram o período em que, na sua cidade, exista o caixão comunitário⁹, doado pela prefeitura ou pela paróquia.

Na entrevista realizada com dona Maria José, natural do município de Potiretama¹⁰, hoje residente em Limoeiro do Norte, a depoente relata que no tempo de menina, as pessoas que não podiam comprar um caixão utilizavam-se, justamente, do que ficava disponível na igreja do cemitério. Segundo a mesma: “cansei de ver aquele caixãozão preto. “Me lembro que, quando a gente ia arrumar a igreja, aquele caixão... e ainda era guardado dentro da igreja. Lá não tinha capela, no cemitério de lá, e era guardado dentro da igreja esse caixão.¹¹”

Embora o caixão permanecesse em um espaço social, cotidianamente frequentado por dezenas de pessoas, para muitas, especialmente para as crianças, o *caixãozão preto*, como se referiu dona Maria José, não era algo tão natural, causando estranheza e pavor, transformando, por assim dizer, o espaço da igreja num ambiente tenebroso.

Ainda segundo dona Maria José, em Potiretama também existiam os chamados caixões familiares, ou seja, as famílias com maior poder aquisitivo compravam um caixão e o deixavam guardado à espera da morte de algum parente. Findado o velório e chegada à hora do enterro do morto, o corpo era colocado na cova e o caixão era novamente guardado até o dia em que a família fosse chamada a viver

⁹ O caixão comunitário servia para atender as famílias que não podiam comprar um caixão. Terminado o velório, o cadáver era colocado na sepultura e o caixão retornava para a igreja, onde era guardado, para poder, novamente, ser utilizado por outro defunto cuja família não tivesse recursos para poder pagar por um caixão.

¹⁰ Ainda em 1962 Potiretama era uma comunidade subordinada do município de Iracema-CE e recebia o nome de Vila Potiretama. Somente em 15 de maio de 1987 Potiretama foi emancipada pela Lei estadual 11.317 e passou a categoria de município.

¹¹ Maria José Rodrigues Pinto Almeida, 52 anos. Aposentada. Natural da cidade de Potiretama – CE. Atualmente residente na cidade de Limoeiro do Norte – CE. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

outro momento fúnebre. A mesma entrevistada ainda relatou que, no tempo em que era criança, os mortos eram velados e enterrados em redes.

Eu lembro que, quando no tempo de menina, aí, quando morria uma pessoa ia costurar de noite aquela mortalha, tinha que fazer de noite pra enterrar o defunto. Muitos cantos não tinham cama pra botar o defunto, botavam era no chão, no chão limpo, numa esteira, eu me lembro, eu menina me lembro. Outros levavam numa rede.¹²

Amarrada a um pedaço de madeira, a rede era conduzida por duas pessoas, geralmente homens, que se encarregavam de levar o defunto até o cemitério ou o lugar onde o mesmo seria sepultado. Para dona Maria José, a cena de ver passar um defunto dentro de uma rede, cujo movimento daqueles que a carregavam fazia com que a mesma se balançasse, era horrível, uma *assombração* que causava espanto e medo, principalmente nas crianças.

Observamos que o uso de flores para enfeitar os caixões ainda era pouco comum nos velórios desse período. Conforme a fala do funcionário da funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda, Ricardo Alves,¹³ só por volta de 1990 é que as pessoas introduzem esse hábito de colher flores do campo para ornamentar a urna, já que as funerárias ainda não forneciam.

Contudo, percebemos a memória como uma das fontes da produção do conhecimento histórico, podendo assim, conhecer a história do cotidiano e a maneira como as pessoas se relacionavam com os rituais funerários nas décadas de 1970 e 1980. Preocupar-se com a boa morte e com os rituais fúnebres que garantiriam ao indivíduo uma vida tranquila após sua passagem pelo “mundo terreno” eram sentimentos que faziam parte do imaginário de uma sociedade religiosa, que via a morte como uma passagem para outra vida, mesmo desconhecida, esta poderia ser um lugar de repouso.

Velar o corpo na própria casa do falecido, fazer a vigília e orações para afastar os maus espíritos, eram práticas que faziam parte do cenário fúnebre e do luto das pessoas. Isso fica mais claro quando Ana Cláudia Aníbal, (ANÍBAL, 2010: 45) escreve que:

¹² Maria José Rodrigues Pinto Almeida, 52 anos, aposentada. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

¹³ Ricardo Alves, funcionário da agência funerária de Limoeiro do Norte. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 15 de julho de 2010.

O luto se apresenta, portanto, como trabalho de perda, um mecanismo que busca elaborar o choque daquilo que foi perdido, retirado e possibilitando ao fim desse processo eleger um outro objeto no lugar daquele que foi perdido. O luto insere a morte na cultura, ele ressignifica o morto, o luto seria o ato de simbolização do morto.

No que se refere à prática do luto, ao qual se entregava às pessoas mais próximas ao falecido, era costume comum vestir-se de preto já no ambiente do velório, demonstrando, assim, respeito pelo amigo ou parente. Ana Cláudia Aníbal (ANÍBAL, 2010: 45) nos esclarece que o luto representa “um mecanismo que busca elaborar o choque daquilo que foi perdido, retirado”.

Vestir-se de preto também era um costume muito comum entre aqueles que frequentavam os velórios, demonstrando seu luto e respeito ao falecido. Deixar explícito publicamente o sofrimento sentido pela perda de um amigo ou parente fazia parte dos significados do luto, esta era uma manifestação social que se caracterizava pelo uso do preto. O luto que até então era uma manifestação social e pública, passou a ser privativo e limitado a alguns parentes mais próximos, os signos deste acontecimento foram apagados e as expressões de dor foram contidas, suprimidas. Agora o luto passa a ser concebido como “um estado mórbido que deve ser tratado, abreviado e apagado” (ARIÈS, 2003: 95).

O que percebemos é que a sociedade da assepsia e do individualismo vem se constituindo e se consolidando, ao mesmo tempo em que as pessoas tentam afastar-se daquilo que a morte representa. Portanto, é inegável que as atitudes diante da morte tenham sofrido modificações e que os sentimentos que cercavam este evento ganham novas configurações.

Na nossa sociedade contemporânea, inúmeras serão as transformações ocorridas nos rituais de passagem da vida para a morte, práticas que serviam para possibilitar uma boa morte agora deixam de existir ou simplesmente se transformam.

O uso de mortalhas agora passa a ser substituído por vestimentas padronizadas oferecidas pelas funerárias, que não mais ofertam em seus serviços os trajes de santos. Estar protegido pelos santos não faz parte das preocupações que se tinham quando alguém morria.

Como citado anteriormente, em meados dos anos de 1970 o velório e o enterro do morto ainda eram de responsabilidade das próprias famílias, que tinham a preocupação de limpar, vestir (amortalhar), encomendar o caixão (a urna) e tomar as providências para o enterro. De acordo com Dona Maria Alves, as funerárias se

encarregam de preparar todo o velório, sem que os familiares do falecido se preocupem com a organização e compra dos materiais que compõem um velório, isso fica mais claro quando ela diz:

Porque a pessoa quando morre tem direito a tudo: o caixão, mortalha, vela, tudo, ninguém gasta nada, a pessoa em casa não gasta um tostão é só ir lá na funerária: fulano de tal faleceu? Faleceu. Aonde é que mora? Assim assim...assim. Aí quando for mais tarde o caixão chega tudo prontim com corpo dentro¹⁴.

Percebemos, dessa forma, que a preparação do corpo deixa de fazer parte de um luto que, iniciava-se ainda com os primeiros cuidados com o morto, assim como uma gama de signos mortuários que antes agiam para facilitar a felicidade na vida após a morte, a qual vai deixando de acontecer por causa da uniformização¹⁵ das práticas e da assepsia do corpo por parte das empresas funerárias.

Com a atuação das casas funerárias já na década de 1990, o cenário fúnebre vai ganhar novos apetrechos oferecidos por essas empresas, como é o caso dos castiçais, tapetes e coroas de flores. Agora não vemos mais o caixão preto feito em forma de grades, os materiais utilizados pelas funerárias para a confecção desse produto são mais reforçados e firmes.

Percebemos que as pessoas passam a se relacionarem com a morte de outra forma quando algumas famílias optam por velar seus mortos em centros de velórios, oferecidos nos serviços das funerárias. Na cidade de Limoeiro do Norte-CE vemos essa prática cada vez mais frequente entre as famílias do morto, como uma forma de evitar abrir as portas de suas casas para o público. O hábito de fazer a vigília se restringe apenas a alguns familiares, tornado o cenário ainda mais triste e silencioso. Dona Maria Augusta nos relata de forma queixosa as poucas pessoas que ficaram durante a madrugada no velório do seu vizinho:

Sabe quantas pessoas passou a noite? Eu, minha cunhada, meu irmão que chegou duas horas da madrugada e quando chegou outro 3 horas. Pronto, foi esse pessoal. E a nora da finada e uma filha foram dormir e nós de fora passemos a noite. Mudou demais, antigamente era mais animado¹⁶.

¹⁴Maria Alves de Lima, 85 anos. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

¹⁵As funerárias uniformizaram certos apetrechos que compõem uma cerimônia fúnebre, entre eles podemos destacar a vestimenta do morto que se classificam por tamanhos, como também as flores, castiçais, velas, ou seja, a parte decorativa do velório.

¹⁶Maria Augusta da Silva, 72 anos. Entrevista realizada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 de julho de 2010.

Os velórios repletos de cânticos e orações agora dão lugar ao silêncio. Muitas vezes as pessoas apenas fazem uma oração ou rezam o terço para abençoar o espírito do morto, que agora deixa a vida terrena para viver no mundo espiritual, segundo a crença cristã. Diferentemente da associação entre morte e festa,¹⁷ os velórios mostram-se cada vez mais, marcados pelo silêncio que, em boa medida, configura-o como sendo o lugar da tristeza manifesta no clima de recolhimento entre os parentes e amigos do morto.

Entender as mudanças ocorridas nos comportamentos sociais no que diz respeito aos rituais de morte mostra-se também como importante para a compreensão da dinâmica econômica da indústria funerária. Analisar as mudanças nas práticas fúnebres nos permite perceber como ocorreu o processo empresarial vinculado ao morrer, apreendendo como a morte passou, entre outras dimensões da vida social, a ser concebida através de uma lógica utilitária.

Os produtos e serviços fúnebres são ofertados de acordo com cada sociedade lida com a morte e com seus mortos mostrando a preocupação com as práticas mortuárias. Para isso o sistema empresarial vinculado a tais serviços se insere nessa lógica de demanda e oferta fruto de um sistema comercial que envolve o lucro.

Contudo, percebemos que o cenário fúnebre se modifica, assim como os significados acerca dos materiais que compõem o velório, deixando clara a participação das empresas funerárias nesse contexto de mudanças, ou melhor, transformações a respeito das práticas funerárias. Nesse sentido acreditamos que, para compreender os significados dos rituais de morte, incluindo a dinâmica do mercado e do consumo fúnebre, é preciso entender a maneira como cada sociedade lida e se relaciona com o morrer.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. “Violar Memória e Gestar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil”. In: _____. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ANÍBAL, Ana Cláudia. “ “ Jesus, Maria e José, minha alma vossa é”! Velórios e Enterros na Comunidade Jardim São José – Russas – CE (1970-1990)”. 2010. 66p.

¹⁷ Segundo João José Reis (REIS, 1991: 137), no século XIX, os funerais, principalmente os mais suntuosos, constituía-se em um dos principais divertimentos dos cidadãos, assim como as festas da Semana Santa.

(Monografia de Conclusão de Curso de História). Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE, Limoeiro do Norte – Ce.

ÀRIES, Philippe. “História da Morte no Ocidente”. Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro 2003.

CHAVES, Elisgardênia de Oliveira. “Viver e morrer: Uma análise sobre a configuração sócio-familiar na freguesia de Limoeiro – CE (1870 a 1880)”. Dissertação apresentada a Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

CHAUVEAU, Agnès. “Questões para a História do Presente” barra Agnès Chauveau; Philippe Têtart; Tradução Ilka Stern Chen. – Bauru, SP, 1999.

ELIAS, Norbert. “A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer”. Tradução de Plínio Dentzein. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “História do Tempo Presente: desafios”. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, nº 3, p. 111- 124, maio barra., 2000.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. O que é a morte. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARQUES, Paula. “Ansiedade Face à Morte: Uma Abordagem Psicológica e Educativa”. Maio, 2000. Disponível em: <<http://pcmarques.paginas.sapo.pt/Ansiedade.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

MESTRE, Marilza PINOTTI, Rita de Cássia. “As representações sociais e o inconsciente coletivo: um diálogo entre duas linhas teóricas”. Revista eletrônica de psicologia, Curitiba, n. 04, jul. 2004. www.utp.br/psico.utp.online.

MORAIS, Isabela Andrade de Lima. “Pela hora da morte: Estudos sobre o empresariar da morte e do morrer uma etnografia no grupo Parque das Flores, em Alagoas”. Recife, 2009. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

MORIN, Edgar. “O homem e a morte”. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Portugal: Ed. Publicações Europa-América, LDA, 1976.

REIS, João José. “A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX”. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991.

RICOEUR, Paul. “A memória, a história e o esquecimento” – Tradução: Alain François [et al]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.